



Coordenador: Prof. Fabrício de Souza Neves
Subcoordenador: Prof. Evaldo dos Santos
Chefe de Expediente: Lucas Indalêncio de Campos

Bloco didático-pedagógico do HU (1º andar)
medicina@contato.ufsc.br
www.medicina.ufsc.br
3721-2282

BOLETIM do CURSO DE MEDICINA

Maio 2016

No mês de maio

10/5 – Posse do novo Reitor Luis Carlos Cancellier e Vice-Reitora Alacoque Erdmann

17/5 – Encontro acadêmico de Ética Médica (CALIMED)

19/5 - Curso de graduação em odontologia da UFSC celebra 70 anos de história em sua semana acadêmica

No mês de maio a UFSC iniciou nova equipe na gestão da administração central, sob a nova reitoria; O Centro Acadêmico Livre de Medicina organizou importante atividade para aprimoramento dos estudos em ética e o nossos colegas de CCS da odontologia marcaram a passagem de 70 anos de seu curso.

E como podem ter mais tempo de história que a própria UFSC, que foi fundada em 1960? É que a UFSC foi formada com a união de 8 faculdades que já existiam em Florianópolis, Medicina e Odontologia entre elas. Conheça um pouco da história de seu curso lendo o Projeto Pedagógico, disponível em www.medicina.ufsc.br

Medicina: ciência, amor e luvas (pág.2)

VAMOS AJUDAR O SUS. VAMOS COMEÇAR SENDO HONESTOS.

Na Escandinávia, as bicicletas estão estacionadas pelas cidades, e nenhuma está presa em cadeado - e elas não são roubadas. Não há porteiros fiscalizando se você pagou a entrada no trem ou no museu - mas as pessoas pagam, e ainda zelam pelos ambientes. No sistema público de saúde, a pessoa pode ter de pagar por alguns serviços ou medicamentos, tendo descontos até totais se tiver alguma doença crônica ou estiver em situação de fragilidade - e parece que não se costuma mentir sobre sua condição para tirar vantagem do sistema. As pessoas de lá não agem assim por elegância ou por serem bondosas. Agem assim porque sabem que, no fim, isso as beneficia. É o grau de confiança que permite que um sistema público exista e seja viável, para o bem de todos.

Há várias questões a corrigir na educação e na assistência públicas em saúde no Brasil, mas nenhuma regulamentação os salvará enquanto a desonestidade existir com frequência tal que não tenhamos confiança razoável em um colega, em um gestor, um professor, em um aluno ou um paciente. O sistema nunca será viável se a maioria dos envolvidos pensar em “enganar um pouquinho” o sistema para seu benefício.

Em nosso caso, começa na escola. Se você é um estudante, não cole. Não minta, não fraude trabalhos. Não assine a presença de alguém que faltou. Os brasileiros (e seus pacientes entre eles) mantêm essa escola para você, e não querem ser retribuídos com trapaças. Como doutorando ou como médico, tem um plantão ou um turno de trabalho? Então atue nele, integralmente, com o melhor de seu desempenho. Agir diferente disso é uma forma de lesar o sistema. É professor ou gestor? Trabalhe duro e honestamente em respeito a todos os usuários e servidores honestos de seu sistema. Afinal, se o seu sistema tiver algum futuro, será porque eles existem e conseguiram disseminar a honestidade a seu redor.

MEDICINA: CIÊNCIA, AMOR E LUVAS

Guerra, doença e morte; seguidos de educação, trabalho, ciência e amor explicam o surgimento das luvas cirúrgicas na prática da saúde.

Caroline Hampton nasceu em uma família tradicional na Carolina do Sul, EUA, em 1861. Seu estado era o centro do movimento separatista (os “estados confederados”) contra a União na Guerra Civil americana e seu pai, um coronel do exército confederado, foi morto em batalha. Já também órfã de mãe, que havia morrido de tuberculose, Caroline foi criada pelas tias nas ruínas da propriedade da família, destruída pelas tropas da União. Já adulta, decidiu ir estudar enfermagem em Nova Iorque, onde se formou em 1888.



Caroline Hampton à sua formatura na Faculdade de Enfermagem de Nova Iorque, com 27 anos, em 1888.

Já no ano seguinte, em 1889, abriu o Hospital Johns Hopkins, no estado vizinho de Maryland. O hospital surgira como uma iniciativa da Universidade Johns Hopkins (a primeira universidade voltada a pesquisa nos EUA) para desenvolver a medicina local em bases científicas (como não havia regulamentação para o ensino ou a prática médica nos EUA até o início do século XX, as escolas eram abertas indiscriminadamente, com currículos e tempos de formação dos mais variados, incluindo aqueles sem qualquer fundamentação científica).

Caroline foi trabalhar no Johns Hopkins, onde o chefe do Departamento de Cirurgia era William Halsted, então com 37 anos. Halsted havia conhecido Joseph Lister, cirurgião inglês que publicara “O princípio anti-séptico da prática cirúrgica” demonstrando evidente redução das complicações infecciosas pela lavagem das mãos e instrumentos com soluções anti-sépticas. Halsted havia praticado estas técnicas durante seus estudos na Alemanha e, de volta aos EUA, exigia que toda sua equipe lavasse as mãos em solução de cloreto de mercúrio.

Caroline, que havia se tornado enfermeira encarregada da sala cirúrgica de Halsted, logo desenvolveu grave dermatite nas mãos, associada ao uso destes produtos. Halsted, que se tornou conhecido por desenvolver técnicas (mastectomia, herniorrafia) e instrumentos cirúrgicos (a “pinça Halsted”) relatou que “como ela era uma profissional eficiente de forma incomum, dediquei-me a buscar uma solução para o problema e, um dia, em Nova Iorque, pedi para a Companhia de Borrachas Goodyear que fizesse, como experiência, um par de luvas de borracha” (a companhia havia sido fundada um ano antes, por Frank Seiberling, um empreendedor que com 3.500 dólares emprestados de um cunhado estava iniciando o negócio de artefatos de borracha vulcanizada, método desenvolvido por Charles Goodyear 40 anos antes).

Exemplar das primeiras luvas cirúrgicas, exibido no centenário do Hospital Johns Hopkins



As luvas permitiram que Caroline continuasse na equipe cirúrgica. Em poucos meses, duas novas coisas aconteceram: outros cirurgiões gostaram das luvas e sugeriram que todos passassem a usá-las, como aprimoramento da técnica asséptica (pois as luvas eram esterilizáveis com eficiência), o que passou a ser feito rotineiramente com bom resultado. Halsted não tinha tido esta ideia inicialmente, pois suas preocupações para produzir as luvas na verdade eram outras - ele estava apaixonado por Caroline, e afinal eles se casaram no ano seguinte, em 1890.

Diz-se que ambos foram sempre muito próximos e afetuosos, e que todas as noites, após o jantar, ficavam por horas conversando sobre sua fazenda, sobre medicina e ciência, e também sobre literatura. Halsted morreu em 1922 perto de completar 70 anos e, como costuma se contar que frequentemente acontece com casais tão íntimos, Caroline também morreu pouco depois (dois meses apenas), aos 61 anos.

Sobre a invenção das luvas cirúrgicas, um auxiliar de Halsted, cujo nome a história não registrou, deu a melhor definição da história, citando os deuses gregos do Amor e da Medicina: “Foi quando Vênus veio para auxiliar a Esculápio”.

Lathan RS. Caroline Hampton Halsted: the first to use rubber gloves in the operating room. Proc (Bayl Univ Med Cent) v.23(4); 2010.